



Walter Benjamin e os anjos

Walter Benjamin y los ángeles

Walter Benjamin and the angels

Rafael Camelier da Silva

Pedro Augusto Papini

Simone Zanon Moschen

UFRGS, Porto Alegre, Brasil.

rafael.camelier@gmail.com

pedroaugustopapini@gmail.com

simoschen@gmail.com

Resumo

Buscamos trabalhar o motivo dos anjos em Walter Benjamin, com ênfase nas relações abertas em sua leitura de Franz Kafka. O ensaio será levado a uma montagem que pretende pensar os anjos de Benjamin, aproximando-os das figuras do estudante e do leitor, como portadores de uma mensagem que aponta para uma ética da esperança na leitura da história; mas uma esperança que não é para nós.

Palavras-Chave: Anjos. Benjamin. Memória. Estudante. Esperança. Leitura.

Resumen

Buscamos trabajar el motivo de los ángeles en Walter Benjamin, con énfasis en las relaciones abiertas en su lectura de Franz Kafka. El ensayo será llevado a un montaje que busca pensar los ángeles de Benjamin, cercanos de las figuras del estudiante y del lector, como portadores de un mensaje que indica una ética de esperanza en la lectura de la historia; pero una esperanza que no es para nosotros.

Palavras-Clave: Ángeles. Benjamin. Memoria. Estudiante. Esperanza. Lectura.

Abstract

We seek to work the angel's motif in Walter Benjamin, with emphasis on the open relations in his reading of Franz Kafka. The essay will be staged, intended to think of Benjamin's angels, close to the student and reader figures, as carriers of a message that points to an ethics of hope in the reading of history – however, a hope that is not for us.

Keywords: Angels. Benjamin. Memory. Student. Hope. Reading.

INTRODUÇÃO: ANJOS, AMULETOS E MEMÓRIA

“Pois o que sopra dos abismos do esquecimento é uma tempestade. E o estudo é uma cavalgada contra essa tempestade.”

(BENJAMIN, 2014, p. 176)

Os anjos que emergem deste ensaio são um rastro dos anjos que Walter Benjamin localizou em um tipo de estudante e em um gesto de memória. Neste texto, eles nos chegam pelo eco de obras do pintor Paul Klee e dos escritores Franz Kafka, Roberto Bolaño e Ricardo Piglia. Recuperaremos esses rastros de forma a identificar nos anjos um resto entre esperança e memória. Deste modo, trabalhamos a leitura da sobrevivência de um enigma que o escritor e crítico Walter Benjamin verá situado pelas imagens dos anjos, uma espécie de necessária lição diante da luta da memória e o que ela pode carregar de esperança no desconhecido.

Calcado na mística judaica, Benjamin parece não querer fugir de um caldo imemorial dos anjos como salvadores, protetores e mensageiros. Contudo, ele nos ensina a formular uma leitura não teológica dos anjos, como pode ser notado quando declara em uma carta a seu amigo Scholem: “o anjo que vela à minha cabeceira nesse momento é Kafka” (BOURETZ, 2011, p. 339).

Em sua obra, esses seres que aparecem como raios e clarões, são da ordem do tempo e da iluminação de um relâmpago. Na quinta tese de “Sobre o conceito da História”, Benjamin (2014) alerta que o passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento de seu reconhecimento. Susana Kampff Lages (2002) nos lembra que ainda que os anjos benjaminianos sejam portadores de mensagens de destruição, separação e morte, eles carregam consigo uma precária esperança no trabalho de restauração da história e da memória.

Jeanne Marie Gagnebin, leitora e tradutora de Benjamin, lerá, nos anjos benjaminianos, um gesto de “cesura”, uma “cesura imperceptível” (GAGNEBIN, 1997, p. 125) que tentaremos ler também como um gesto em causa nos estudantes e num certo tipo de leitor. Para a pensadora, a “cesura” é um conceito que atravessa a obra benjaminiana e que se encontra no esteio do pensamento de Benjamin sobre as possibilidades de abertura da história ou de escrita de uma “outra história” (Gagnebin 2013). O gesto de “cesura” que Benjamin lê em Hölderlin numa passagem de seu ensaio sobre *As afinidades eletivas* de Goethe (BENJAMIN, 2018) diz respeito a um gesto de interrupção, de ruptura, localizado na experiência da poesia, que instaura um intervalo de perigo na linguagem ao interrompê-la (GAGNEBIN, 2013). A “cesura” como um “sopro que corta o verso” (CASTRO, 2017, p. 55) ou que corta o ar.

Como referimos, Benjamin não vê os anjos como figuras puramente religiosas, sua produção em torno desses seres permite uma abertura para os entendermos enquanto imagens dialéticas. Portanto, não seria pertinente definir um conceito de anjo; sabemos que a imagem dialética benjaminiana não produz uma síntese esclarecedora, mas sim um sintoma, mantendo a diferença entre as partes, como lembra a leitura proposta por Didi-Huberman (2015). Agamben, por sua vez, salienta o “significado angeológico [implicado] no conceito de imagem dialética” (2017, p. 208), o que lhe confere a característica de suspensão do fim do sentido: o anjo sempre remonta a uma perda, não a uma síntese ou a um acréscimo.

Os anjos são apresentados como figuras enigmáticas e efêmeras na obra do escritor e crítico alemão e, apesar de serem fugazes suas aparições, eles não passam despercebidos de seus leitores; Jeanne Marie Gagnebin (1997) especula que talvez eles sejam as figuras mais conhecidas de Walter Benjamin. A filósofa assinala nos anjos a esperança de um outro tempo, em que a felicidade poderia ser possível (GAGNEBIN, 2013). Neste ensaio queremos pensá-los como amuletos que nos auxiliam a ler o que nunca foi escrito, permitindo-nos um gesto de leitura como o indício de um outro tempo.

Um recenseamento dos anjos na obra de Benjamin começaria pelo mais célebre e último, o anjo da história. No entanto, os anjos aparecem também no texto de abertura da revista que Benjamin tentou, sem sucesso, publicar em 1921. Anos depois, em 1931, ele dedicou algumas palavras aos anjos no ensaio sobre Karl Kraus. Durante este tempo, ele também escreveu um conto intitulado “Agesilaus Santander”, publicado inicialmente por Scholem, em 1972, de forma póstuma em uma coletânea de ensaios de diversos autores, por ocasião dos oitenta anos de Benjamin. Em *Infância berlinense*, eles se mostram na figura do anjo da morte e do anjo de Natal. Mas há ainda uma outra aparição, muito sutil, no ensaio escrito por ocasião dos dez anos da morte de Franz Kafka.

Desse breve recenseamento dos rastros dos anjos nas letras de Benjamin, é daqueles impressos no texto sobre Kafka que escutamos um chamado. Ali, os anjos aparecem como figurantes de um teatro a céu aberto num fragmento do romance *O desaparecido ou Amerika*, de Franz Kafka (2003), teatro no qual todos são bem-vindos e cujos atores interpretam a si mesmos, encenando em um palco que é o próprio mundo. Benjamin estende essa característica ao mundo de Kafka: “O mundo de Kafka é um teatro do mundo” (2014, p. 162), “toda obra de Kafka representa um código de gestos” (2014, p. 157). Em relação ao teatro a céu aberto de *O desaparecido ou Amerika*, Benjamin afirma que “muitos estudos e contos menores de Kafka só aparecem em sua verdadeira luz quando transformados, por assim dizer, em atos do teatro ao ar livre de Oklahoma” (2014, p. 157).

No fragmento do romance de Kafka, figurantes vestidas de anjos dão as boas-vindas aos candidatos na entrada da pista de corridas de Clayton, onde aconteceria o recrutamento para o Teatro de Oklahoma: “Para celebrar, os figurantes fazem o papel de anjos” (BENJAMIN, 2014, p. 163); e Benjamin complementa um tanto enigmaticamente: “sem as asas postiças, esses anjos talvez fossem autênticos” (Idem).

Talvez Benjamin imaginasse os anjos como imaginou os estudantes quando falou de Kafka e de seus personagens subterrâneos. Nesse ensaio sobre Kafka, ele nos mostra que a figura do estudante se relaciona a uma certa estirpe dos infatigáveis ajudantes do mundo kafkiano que, neste caso, trata-se de estudantes que nunca dormem. Para Benjamin, os estudantes seriam os regentes e porta-vozes dessa tribo de miseráveis e desgraçados: “Dormirei quando tiver acabado meus estudos”, canta o estudante Josef Mendel de *O desaparecido ou Amerika*, citado por Benjamin (2014, p. 174). Os estudantes não dormem durante os seus estudos, e talvez a maior virtude dos estudos seja mantê-los acordados, assinala Benjamin. Para o pensador, portanto, o trabalho dos estudantes é velar, o que os aproxima dos anjos que também se ocupam desse trabalho. A vinda dos Messias e o fim do estudo seriam os responsáveis pelo desaparecimento dos anjos e dos estudantes, respectivamente.

Dessa aparição, demarcamos o resgate de uma esperança, grafada nos personagens de Kafka, que se relaciona a uma linhagem de impotência ou de precariedade; aqui poderíamos evocar um fragmento de diálogo citado por Benjamin, no qual Max Brod confronta Kafka sobre a esperança, ao que este o responde: “Ah, sim, há esperança suficiente, esperança infinita – apenas não para nós” (BENJAMIN, 2014, p. 152).

Gagnebin (1997) assinala como os anjos de Benjamin parecem ser atingidos por uma espécie de incapacidade ou deformação, semelhante aos anjos de Franz Kafka ou de Paul Klee. Em Klee, o trabalho com os anjos compreende uma série extensa de gravuras, desenhos e pinturas que ele realizou em diferentes momentos de sua vida. *Angelus Novus*, surgido em 1920, é provavelmente o mais conhecido desses trabalhos, porém também existiram muitos outros. Vale nos determos nas datas dessas obras e no que elas podem vir a dizer sobre a figura dos anjos.

Os primeiros anjos de Klee surgiram no final da década de 1910, início de 1920; eles reapareceram na primeira metade de 1930, mas é em 1939 que temos a maior parte da série. Datas de desespero ou de “avisos de incêndio” (LÖWY, 2005). Os anjos de Klee chegam como um apelo no ar.

UM AMULETO CHAMADO *ANGELUS NOVUS*

No verão de 1921, Walter Benjamin adquire, numa feira em Munique, o quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee. Esse quadro, que ganhou grande notoriedade por sua posição na obra de Benjamin, acompanhou o pensador até sua fuga de Paris em junho de 1940, quando a gravura e alguns de seus escritos, entre eles uma das versões das teses de *Sobre o conceito da História*, foram confiados a Georges Bataille, que os escondeu na Biblioteca Nacional de Paris, resguardando-os até o fim da guerra (WITTE, 2017, p. 142-143). Na iminência e no desespero daqueles dias, Benjamin tentou vender o quadro de Klee por uma passagem aos Estados Unidos, mas a venda não se concluiu (WITTE, 2017).

O amor de Benjamin pelo quadro de Klee percorre muitos de seus textos e habita, se podemos assim dizer, um lugar importante no pensamento do filósofo. A gravura aparece diretamente na conhecida passagem de *Sobre o conceito da História*, na nona tese, cuja epígrafe contém versos do poema que Scholem deu a Benjamin como presente em julho de 1921, em referência a *Angelus Novus*, “Saudação do Anjo”; mas aparece também em outros lugares, como na tentativa de edição, em 1921, da revista intitulada *Angelus Novus*, em cujo primeiro número viria, entre outros textos, o ensaio “A tarefa do tradutor”. Também neste número seriam publicados alguns poemas de seu amigo Fritz Heinle, além do artigo de anúncio da revista. Ademais, a gravura é descrita nas duas versões do escrito “Agesilaus Santander”, de agosto de 1933, publicado postumamente pelo amigo Gershom Scholem.

Um detalhe importante é que Benjamin, na medida do que pôde, carregou o quadro de Klee por perto, mantendo-o próximo como uma espécie de amuleto. Talvez esse detalhe possa ser um sinal de leitura, um modo de ler. Podemos perceber no gesto de memória de Benjamin em relação ao quadro de Klee, ao mantê-lo junto ao corpo,

a presença de algo que não deve ser deixado para trás e que, como tal, figura o “inesquecível”. O inesquecível de um amuleto.

Assim chega até nós o eco de um fragmento do último texto publicado em vida por Tania Mara Galli Fonseca, em que a autora se pergunta sobre as motivações de, diante da morte e da memória, escrever sobre a relação entre “túmulo” e “palavra” – trama também explorada por Jeanne Marie Gagnebin (2014) na leitura do trabalho de Walter Benjamin sobre a memória. Nesse texto, Tania demarca algo que resta entre o túmulo e a palavra e que é da ordem da sobrevivência e do amor: “prolongar um último toque com a ponta dos dedos” (FONSECA, 2018), intitula o escrito que tem a ver com a grave pergunta de por que e para que escrever nossas perdas. Ali a autora desenha a exigência de colocar em causa algo que podemos nomear de inesquecível.

Talvez pudéssemos anotar, neste momento, que já estaríamos evocando a questão do Inesquecível. Não sabemos, ao certo, se poderemos desenvolver esta noção que nos assedia. Contudo, seria interessante pensá-la, mesmo que de modo provisório, como um plano que nos escapa e que sempre estaria, no entanto, por vir. [...] Dizer que algo ou alguém se tornou inesquecível para nós, significa, pois, em nosso entendimento, afundar-nos na profundidade não aparente que foi sustentada enquanto vivia. (FONSECA, 2018, p. 271)

Nesse sentido, poderíamos pensar a figura do anjo, “que nos escapa e que sempre estaria, no entanto, por vir”, como um amuleto. Amuletos são objetos, figuras ou mesmo fórmulas escritas, que alguém guarda consigo e às quais se atribuem virtudes sobrenaturais de defesa contra desgraças, doenças, feitiços, malefícios.

Roberto Bolaño escreveu um livro dedicado a essa palavra, *Amuleto*. A trama desdobra-se em torno de um enigma persistente – o que é esse amuleto? Já na primeira frase do livro encontramos uma promessa que desenha uma função possível para um amuleto: “Esta será uma história de terror” (BOLAÑO, 2008, p. 9). Afinal, em uma história de terror, somos instados à presença do perigo; e, para Benjamin, a história é uma história de terror, já que todo documento da cultura é também um documento da barbárie (BENJAMIN, 2014). Apesar de o amuleto ser um contrafeitiço, Bolaño, num gesto bastante benjaminiano, apresenta-o como uma figura de memória, revelada apenas no último parágrafo do livro, sendo este narrado

pela voz da personagem cujo nome é, justamente, Auxílio Laculture. Ao final, vemos que, num looping, a própria narrativa se converte em amuleto.¹

Num gesto de leitura, o amuleto de Bolaño pode aproximar-se daquilo que Benjamin nos conta sobre a lenda talmúdica dos anjos no “Anúncio da revista *Angelus Novus*”: “os anjos – a cada momento sempre novos, em legiões infinitas – são criados para, depois de terem entoado os seus hinos na presença de Deus, deixarem de existir e se dissolverem no nada” (BENJAMIN, 2012, p. 35).

Na segunda tese de *Sobre o conceito da História*, Walter Benjamin, ao assinalar a ligação “indissolúvel” entre felicidade e redenção, desenha a imagem do passado que dirige um apelo ao presente, uma “frágil força messiânica”, um “índice secreto” do passado “que o impele à redenção” (BENJAMIN, 2014, p. 242). Esse apelo situa “um encontro secreto marcado entre as gerações” que “não pode ser rejeitado”, diz Benjamin (2014, p. 242). Benjamin explicita brevemente sobre a forma de perguntas as condições desse encontro secreto: são “os ecos de vozes que emudeceram”, nas vozes que agora “damos ouvidos”; ou “um sopro de ar” que nos toca e que envolveu também nossos antepassados (Idem). Lembremos da “cesura” que Benjamin (2018) lê em Hölderlin e sua relação com a voz, com o fôlego e com o sopro (GAGNEBIN, 2013).

Podemos ler o amuleto como uma insígnia desse apelo que Benjamin descreve. Nesse sentido, tanto as figuras dos anjos quanto as dos estudantes estão sob o efeito/perigo desse apelo; um apelo dirigido do passado ao presente, a partir de um passado naquilo que ele carrega de “insalvável” e que aguarda uma salvação no presente. Em ensaio sobre Benjamin, Giorgio Agamben (2017) aborda esse problema do “insalvável” do passado, dizendo-nos que: “O que é insalvável é o que foi, o passado como tal. Mas o que é salvo é o que nunca foi, algo de novo. (...) Por isso o método do conhecimento histórico se enuncia nesta frase: ‘Ler o que nunca foi escrito’” (AGAMBEN, 2017, p. 208).

¹No livro, descobrimos, pela voz de Auxílio, que o amuleto, o “nosso amuleto”, é o canto de amor entoado por jovens fantasmas que caminham em direção à “morte certa”; um canto “apenas audível”, ou um “murmúrio quase inaudível”, de uma “geração inteira de jovens latino-americanos sacrificados” (Bolaño 2008: passim).

Diante do apelo exigente do passado, Agamben, tradutor de Benjamin, desdobra o trabalho “o método do conhecimento histórico”, que Benjamin havia encontrado em Hofmannsthal: ‘ler o que nunca foi escrito’ (BENJAMIN, 2012, p. 166). Somos jogados, então, em um trabalho impossível ou no limiar do impossível; contudo, é um trabalho de leitura da história, a partir do qual poderia advir alguma esperança, apenas não para nós.

Esse método (de ler o que nunca foi escrito) pode ser pensado como uma tradução possível das teses de *Sobre o conceito da História*, sobretudo no que indica como enfrentamento necessário da perspectiva de uma história como progresso, uma história que se desdobra em um continuum. Desse modo, o apelo, que lemos na segunda tese, um apelo inesquecível, quer introduzir, por tensão e indício de outro tempo, uma “cesura imperceptível” (GAGNEBIN, 1987, p. 125) nesse continuum, visando interrompê-lo ou destruí-lo.

“Este apelo não pode ser rejeitado” (BENJAMIN, 2014, p. 242): “ler o que nunca foi escrito” (BENJAMIN, 2012, p. 166). Poderíamos ler, à luz desse apelo, o anjo da história, o *Angelus Novus* (“anjo novo”) de Klee, que se concentra na nona tese de *Sobre o conceito da História*. O anjo que contempla um campo de ruínas e vê acumularem-se os signos da catástrofe. Seu desejo é despertar os mortos a fim de ressoldar o que foi quebrado. Entretanto, uma “tempestade sopra do paraíso”, uma tempestade que nós chamamos de “progresso”, impedindo que o anjo possa se deter (BENJAMIN, 2014, p. 246).

O anjo da história desenha a destruição. Se a tempestade do progresso cessasse, ele poderia recolher os cacos da história e montar novamente o passado, mas ela não cessa. “Só é restaurado o que já foi destruído”, lembra Gagnebin (2013, p. 14). O anjo da história, ao ler e testemunhar a destruição do passado, cria as condições de uma restauração que, todavia, não pode ser atendida. Talvez o trabalho desse anjo, sua “cesura”, seja justamente velar pela possibilidade de que algum apelo possa ser transmitido ao presente e a história possa se abrir. Segundo Pierre Bouretz (2011), a missão desse último anjo é deter o tempo que foge para a catástrofe.

É a tempestade que nós chamamos de progresso que impede o anjo da história e deixa suas asas no estado que Benjamin (2014, p. 246) as descreve: “asas abertas”, presas “com tanta força que o anjo não pode mais fechá-la”. Também sob a tempestade, “uma tempestade que sopra dos abismos do esquecimento” (BENJAMIN, 2014, p. 176), estão os estudantes que não dormem. Sob tempestades, ambos, o anjo da história e os estudantes, desenham um esforço desesperado para reter aquilo que pode ainda ser salvaguardado em um mundo em vias de desaparecer.

PARA QUE OS ANJOS TENHAM ALGUMA COISA A FAZER

Em carta a Scholem, Benjamin escreve: “Eu me apropriei da fórmula Kafkiana do imperativo categórico ‘age de tal maneira que os anjos tenham alguma coisa a fazer’” (BOURETZ, 2011, p. 307). Essa breve frase poderia compor uma tradução das teses de *Sobre o conceito da História*. Existe uma ligação direta desse anjo, retomado por Benjamin em Kafka, e o anjo da história, elemento místico alegórico que compõe a famosa imagem da nona tese. No entanto, talvez o que melhor reuniria o pensamento que perpassa todo o texto de Benjamin sobre a história é a posição de um humano que precisa realizar um trabalho. Mas qual trabalho? Trabalho de abertura para novos trabalhos. Pensamos o anjo como ser que figura a posição de um leitor ou ainda de um estudante. Impotente, empurrado pelo vento do progresso, sequer pode realizar a tarefa de salvar, apenas ver; e a história que ele poderá vir a resolver não está definida. Gostaríamos de seguir orientados pela pergunta sobre como a esperança benjaminiana se relaciona com essa espera em que não se deve aguardar os anjos, mas agir de tal maneira que exista um trabalho a ser feito.

O anjo da história, como lemos na nona tese, é instado irresistivelmente ao futuro pela tempestade do progresso; a força dessa tempestade impede que ele feche suas asas e possa se deter (BENJAMIN, 2014). Na lenda talmúdica dos anjos que Walter Benjamin conta no “Anúncio da revista *Angelus Novus*”, os anjos nascem em legiões, cantam seu hino diante de Deus, cessam para depois se dissolver no nada (BENJAMIN, 2012, p. 53). Nos dois casos, haveria uma ameaça em causa – o perigo da história e a margem do desaparecimento, respectivamente – e, portanto, uma leitura em situação de perigo – a catástrofe do passado e do presente, o anúncio do hino.

Poderíamos pensar estes anjos como figuração de leitores extremados, “leitores incansáveis” (PIGLIA, 2006), leitores que leem onde é impossível, próximos aos estudantes de Kafka, que “dormirão somente quando terminarem seus estudos”. Leitores com olhos esbugalhados como os do anjo da história. Últimos leitores, últimos anjos.

Talvez a maior virtude dos estudantes é que eles possam manter o estudo aceso. No romance *O desaparecido ou Amerika*, de Kafka, comentado por Benjamin, Karl Rossmann, o protagonista, encontra o estudante Josef Mendel quando, ao acordar no meio da noite depois de ter desmaiado por conta de uma briga, procura uma luz para certificar-se de seu estado. Ele sai na sacada e vê, na sacada vizinha, alguém sentado estudando em uma mesa cheia de livros; entre dois livros encaixados, uma lâmpada; sob a lâmpada, um estudante, “estando assim totalmente banhado por sua luminosidade rutilante” (Kafka 2003: 218). Uma lâmpada na sacada vizinha. Era o estudante Josef Mendel, que trabalha durante o dia e estuda à noite e que dormirá somente quando terminar seus estudos.

No livro de Ricardo Piglia, *O último leitor*, Kafka aparece sob a luz de “lâmparina”. A cena proposta por Piglia quer dar imagem ao “laboratório Kafka”; suas condições de escrita. O autor, em certo momento, se detém na madrugada em que Kafka escreveu, “de uma tirada só”, a história *O veredito*, “A cena inaugural de sua escrita” (PIGLIA, 2006, p. 45), a qual Kafka sempre tentará voltar ou repetir, é a cena de uma escrita incessante, um fluxo que se desdobra sem interrupções, como o que fez ele atravessar a noite sem dormir. Kafka finaliza a história quando o dia começa a amanhecer. Anota em seu diário: “[...] Apagar a lâmparina, claridade do dia” (KAFKA apud PIGLIA, 2006, p. 47).

Ao escrever sobre os estudantes no texto que dedicou a Kafka, Benjamin talvez imaginasse também o estudante Kafka quando obscuramente afirma que “a porta da justiça é o estudo”, “é o direito que não é mais praticado, mas somente estudado”, e

complementa que “seus estudantes [de Kafka] são discípulos que perderam a escrita” (BENJAMIN, 2004, p. 178).²

“Pois o que sopra dos abismos do esquecimento é uma tempestade. E o estudo é uma cavalgada contra essa tempestade” (BENJAMIN, 2014, p. 176). Sob essa anotação de Benjamin no ensaio sobre Kafka, voltamos a um arco de promessa que se desenhou na introdução, distensão desenhada pelo gesto da “cesura” que Gagnebin localiza nos anjos e que tentamos localizar também nos estudantes e num certo tipo de leitor, um “último leitor”.³

As imagens compostas por Benjamin para fazer pensar a presença dos anjos entre os humanos são crivadas de sopros, ventos, tempestades e fôlegos. A “cesura”, que Gagnebin localiza como gesto dos anjos, um gesto de “interrupção salvadora” (GAGNEBIN, 2013, p. 103) recolhido na experiência da poesia, relaciona-se também a esses elementos que compõe a cena em que emergem os anjos benjaminianos.

Nos interessa nesse momento evocar o ensaio *A grande recusa*, de Maurice Blanchot (2010), pensador da catástrofe, no qual ele busca imaginar uma relação de força entre esperança e poesia. Para Blanchot, não se trata de pensar em uma esperança que nos conceda um além ilusório, um futuro sem morte ou uma lógica sem acaso; há um outro modo de pensar a esperança que nos interessa mais, uma esperança que Blanchot diz ser mais profunda. É essa outra esperança que Benjamin recolhe quando mergulha o pensamento na frase de Kafka, “há esperança mas não para nós”, e que diversos autores utilizam para falar do escritor alemão e sua indagação sobre a relação entre história e memória.⁴

² Sabemos que Kafka trabalhava como jurista de dia e lia e escrevia à noite, como comenta Susana Kampff Lages (KAFKA, 2003).

³ Num texto dedicado a Piglia na ocasião de seu falecimento, intitulado “Literatura e respiração”, Pedro Meira Monteiro (2017) imagina este “último leitor” que foi Ricardo Piglia, que foi o estudante Emilio Renzi, e começa dizendo: “Lemos como quem quer respirar” (MONTEIRO 2017). Talvez aqui resida alguma tradução possível para um “último leitor”.

⁴ Essa esperança, que Blanchot diz ser a poesia e a escrita que devem nos ensinar a reafirmar, consiste em poder permanecer junto ao enigma. Blanchot fala em perceber, no flanco de alguma montanha, uma janela no sol da noite.

Existe esperança, se ela se relaciona longe de toda apreensão presente, de toda possessão imediata com aquilo que está sempre por vir, e que talvez não virá jamais; e a esperança proclama a vinda esperada daquilo que não existe ainda senão como esperança. (BLANCHOT, 2010, p. 84)

No messianismo judaico haveria uma espécie de esperança para uma escritura da história que Benjamin parece, em um imenso esforço, querer nos legar para enfrentar o desastre do presente. Contra a história que se propõe a explicar o passado, Benjamin vai pensar numa história que busca redimir o passado. Aí está a complexificação do passado e do presente: como se o passado não fosse imóvel, mas exigente de uma salvação por parte do historiador. Um passado que exige a imaginação de que o tempo sempre pode ser um tempo outro; um passado que conta com um desvio na unicidade de sentido.

“Agir de tal forma que os anjos tenham algo a fazer”, escreveu Benjamin em carta ao amigo Scholem; agir de forma que haja um resto; agir de forma a inscrever uma não conclusão, uma não plenitude, uma não completude. A diferença entre pensar em explicar o passado e em procurar redimi-lo consiste em conceber o passado como ativo, exigente e atuante, o que implica uma concepção de tempo que leva em conta essa esperança naquilo que não pode ser atendido, como a esperança do anjo da história.

Agir de tal maneira que não restasse nada a ser feito pelos anjos seria admitirmos que a história está pronta. Dizer que os anjos não têm mais nada a fazer equivale a dizer que não há mais nenhuma mensagem a esperar e nada mais a salvar. Isso se relaciona ao sentido teleológico da história ao qual Benjamin procurou se opor em todos os cantos de suas teses de *Sobre o conceito da História*. Por isso, a história em Benjamin não está pronta, mas deve ser escrita visando uma possibilidade de salvação: agir de tal maneira que os anjos tenham algo a fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia citada

- AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2017.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita I: a palavra plural*. São Paulo: Escuta; 2010.
- BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Escritos reunidos: escritos sobre Goethe*. São Paulo: Editora 34; 2018.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense; 2014.
- BOLAÑO, Roberto. *Amuleto*. São Paulo: Companhia das Letras; 2008.
- BOURETZ, Pierre. *Testemunhas do futuro: filosofia e messianismo*. São Paulo: Perspectiva; 2011.
- CASTRO, Cláudia. *Sobre o tapete da verdade: Benjamin e Hölderlin. Viso – Cadernos de Estética Aplicada*. Rio de Janeiro: v. 1, n. 2, p. 50-57; ago. de 2007.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Semelhança informe ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*. Rio de Janeiro: Contraponto; 2015.
- FONSECA, Tania Mara Galli. *Túmulo e palavra: o after life para prolongar um último toque com a ponta dos dedos*. In: FONSECA, T. M. G.; CAIMI, C. L.; COSTA, L. A.; SOUSA, E. L. A. *Imagens do Fora: um arquivo da loucura*. Porto Alegre: Editora Sulina; 2018. p. 257-277.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva; 2013.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34; 2014.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago; 1997.
- LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2002.
- KAFKA, Franz. *O desaparecido ou Amerika*. São Paulo: Editora 34; 2003.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de História"*. São Paulo: Boitempo; 2005.

MONTEIRO, Pedro Meira. *Literatura e respiração: Ricardo Piglia (1940-2017)*. Pedro Meira Monteiro; 2017. Disponível em: <<https://meiramonteiro.com/literatura-e-respiracao-ricardo-piglia-1940-2017/>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras; 2006.

WITTE, Bernd. *Walter Benjamin: uma biografia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2017.